

Centro de formação funciona há 14 anos

A génese do Centro de Formação de Penalva e Azurara remonta a Dezembro de 1992, quando responsáveis das escolas dos concelhos de Mangualde e Penalva do Castelo, no distrito de Viseu, se reuniram com o objectivo de materializar um velho anseio: criar um centro de formação de professores. Esse intento, definido na acta da reunião, obteve homologação em Fevereiro de 1993, através de um despacho da Direcção Regional de Educação do Centro, e a nessa data o centro passou a ter existência legal. Em Julho daquele ano, o CFPA obteve acreditação como entidade formadora de associação de escolas, concedida pelo Conselho Coordenador de Formação Contínua, e hoje, tendo sede na Escola Secundária Felismina Alcântara, em Mangualde, reúne já cerca de 90 estabelecimentos de ensino, entre os quais há jardins-de-infância, escolas básicas e secundárias com terceiro ciclo, envolvendo cerca de 560 docentes. Actualmente o CFPA presta formação a um universo de cerca de 800 formandos de escolas, e realiza três dezenas de acções por ano, nas diferentes áreas da formação, que pode ser ministrada de uma forma presencial ou à distância, através da plataforma Prof2000 e, futuramente, da plataforma Moodle. Tendo estabelecido parcerias com entidades como as câmaras de Mangualde e Penalva do Castelo, ou a Escola Superior de Educação de Viseu, o centro integra a Rede Desenvolver, constituída por centros de formação com as mesmas características na área educativa de Viseu. Em Janeiro de 2005 o CFPA estreou-se na internet, com a criação do site www.cfpa.pt, que em Setembro de 2006, altura em que arrancou o projecto «Inov@r com QI», tinha já ultrapassado as 35 mil visitas.

C.T.

Aulas com imagem e movimento

Uma aula já não tem de ser um espaço cinzento em que os alunos cabeceiam de sono diante das preleções do docente. Com os quadros interactivos, às palavras pode juntar-se imagem e som, e até gravar aulas para rever depois. O entusiasmo é comum a professores e estudantes.

CARLA TEIXEIRA

Fica numa rua calma, de pouco movimento, e do lado de fora dos portões parece uma escola igual a tantas outras. No entanto, a Secundária Felismina Alcântara, no concelho de Mangualde, é uma escola diferente, que lidera um projecto com vista a imprimir maior dinamismo às aulas nos vários níveis de ensino, potenciando a melhoria das notas dos alunos que integram a experiência, coordenada pelo Centro de Formação de Penalva e Azurara. O projecto «Inov@r com QI», que O PRIMEIRO DE JANEIRO foi conhecer, apoia a instalação de quadros interactivos Magicboard nas escolas portuguesas, para que as salas de aula possam deixar de ser espaços

de vista das consequências que poderá ter no futuro do ensino em Portugal: os velhos quadros de ardósia preta, riscados pelo giz para mostrar palavras, fórmulas químicas, teorias filosóficas ou sistemas matemáticos, ou mesmo os mais recentes quadros de porcelana em que os alunos mais jovens se habituaram a partilhar com a turma os ensinamentos diários dos professores, estão definitivamente ultrapassados e a ser substituídos por modernos quadros interactivos, que permitem aos alunos, além de ouvir as explicações do professor, assistir à projecção de filmes e vídeos associados com a matéria, aceder a sites que tratam dos temas em estudo e, em caso de necessidade, consultar aulas e apontamentos anteriores, que ficam gravados no dispositivo.

Professores substituem fotocópias e livros por uma pen

cinzentos em que professores sem imaginação debitam matérias aborrecidas, para se tornarem cenários de aprendizagem em que, além de ouvir as explicações do docente, os estudantes podem ver filmes ou ouvir músicas relacionadas com o tema em estudo e gravar aulas para depois poderem aceder aos conteúdos e esclarecer eventuais dúvidas.

A mudança é paulatina e aparentemente pouco significativa – o projecto ainda só está presente em 16 escolas dos concelhos de Mangualde e Penalva do Castelo e em quatro outros estabelecimentos de ensino (Porto, Ovar, Odivelas e Funchal) –, mas paradigmática do ponto

de vista das consequências que poderá ter no futuro do ensino em Portugal: os velhos quadros de ardósia preta, riscados pelo giz para mostrar palavras, fórmulas químicas, teorias filosóficas ou sistemas matemáticos, ou mesmo os mais recentes quadros de porcelana em que os alunos mais jovens se habituaram a partilhar com a turma os ensinamentos diários dos professores, estão definitivamente ultrapassados e a ser substituídos por modernos quadros interactivos, que permitem aos alunos, além de ouvir as explicações do professor, assistir à projecção de filmes e vídeos associados com a matéria, aceder a sites que tratam dos temas em estudo e, em caso de necessidade, consultar aulas e apontamentos anteriores, que ficam gravados no dispositivo.

Filipe Pires



Experiência com quadros interactivos agrada a alunos e professores

NOVAS PRÁTICAS Formação contínua

À margem de uma visita ao centro de formação e a escolas do projecto, o director do CFPA recordou que os professores envolvidos tiveram "uma formação inicial em tecnologia, e depois começaram a ter formação em quadros interactivos". Na óptica de José Miguel Rodrigues Sousa, o que se pretende é "que os docentes partilhem informações: reúnem-se regularmente com o coordenador do projecto da escola em que leccionam, para trocar experiências e ideias sobre a utilização dos quadros. O que pretendemos é mudar as práticas dos docentes, no sentido de integrar as tecnologias na sala de aula, com vista a melhorar a aprendizagem dos alunos. Os professores têm o software e os materiais, e preparam as suas aulas com estas ferramentas", disse ao JANEIRO.

«Inov@r com QI», que tem como parceiro empresarial e educacional a Areal Editores, funcionam actualmente 24 quadros interactivos.

O director do Centro de Formação de Penalva e Azurara, José Miguel

Rodrigues Sousa, explicou a O PRIMEIRO DE JANEIRO que os novos quadros interactivos permitem "avivar as experiências de aprendizagem pela imagem, pelo som e pelo movimento", acrescentando que "os alunos podem ver, ouvir e sentir o quadro", e dessa forma apreender mais eficazmente os conteúdos leccionados. Para aquele responsável, da mesma forma que para os estudantes e docentes ouvidos pela nossa reportagem na escola-sede do projecto, as vantagens são muitas e óbvias: enquanto o professor pode preparar as aulas em casa, com maior comodidade, e depois transportar os seus materiais numa simples pen-drive (em vez das resmas de fotocópias tradicionais), podendo usar métodos muito diferentes e inovadores de transmissão de informação (filmes, vídeos, slides, textos e imagens), para os alunos é evidente o ganho de interesse nas aulas.

O dirigente do CFPA explicou a JANEIRO que neste momento "há 53 professores associados ao projecto, que servem de balão de ensaio, porque estão à frente do pelotão. Obviamente queremos alargar a utilização dos quadros interactivos a mais escolas, mas este grupo é o ponto de partida. O projecto foi pensado a três anos, e o que se pediu às escolas foi que pegassem em professores dispostos a inovar, que quisessem partilhar experiências. Independentemente das disciplinas, trocam informações sobre como preparam as aulas e usam os quadros e escrevem diários de bordo, que ficam acessíveis no site www.inovar.pt.

"É a tecnologia do século XXII"

Ilda Coelho é professora do primeiro ciclo na EB1 de Abrunhosa-a-Velha, e diz que quem experimenta o quadro interactivo "não quer outra coisa". Se mudar de escola garante que compra um. Nas aulas que o JANEIRO visitou o entusiasmo de alunos e professores era evidente.

CARLA TEIXEIRA

MAIS INTERESSE

"Difícil adormecer"

Leonor Carvalho, José Figueredo e Bruno Ferreira são alunos do 8ºA da Escola Secundária Felismina Alcântara, sede de projecto «Inov@r com QI». Ao JANEIRO explicaram, no final de uma aula de Francês, as mais-valias do equipamento. E são muitas, segundo disseram: "Podemos ver vídeos, gravar as aulas e poder voltar atrás para consultar o que não entendemos, aceder a sites que a professora indica, já não é preciso usar fotocópias — até se poupa papel — e as imagens são a cores", o que torna as aulas mais atractivas. "É mais difícil adormecer nestas aulas", disse Leonor timidamente, mas sem perder o sorriso. Os três alunos explicam que "ainda não se usa o quadro interactivo em todas as disciplinas". No caso do 8ºA, "só em Francês e Informação Cívica". No entanto, atestam que resolvem os "exercícios no quadro" e demonstram "muito mais interesse". Os métodos de estudo em casa, não obstante, "não mudaram muito" com a introdução dos quadros interactivos na sala de aula, ainda que agora reconheçam que acedem mais à internet com o objectivo de procurar informações úteis para os trabalhos que têm de apresentar na escola. E são peremptórios em afirmar que "estas aulas são muito mais interessantes".

C.T.

"Um completo fascínio", "isto é o futuro" ou "é a tecnologia do século XXII" são só algumas das frases que Ilda Coelho, professora do primeiro ciclo do Ensino Básico na EB1 de Abrunhosa-a-Velha, uma pequenina localidade perdida entre veredas de mágica paisagem do concelho de Mangualde, classificou a sua experiência com o quadro interactivo colocado na sala de aula onde diariamente ensina a 11 crianças as matérias relativas aos dois primeiros anos de escolaridade. A escola é pequena (tem apenas duas salas de aula), e o espaço que divide com os seus alunos não é dos mais modernos. O chão de madeira não foi encerado, e pelas janelas altas não entra muita luz, mas a contrastar com este cenário, comum nas escolas seculares dos meios pequenos, está pregado na parede um quadro interactivo.

À entrada de O PRIMEIRO DE JANEIRO na sala de aula, os alunos, invulgarmente sossegados para a idade, olham com atenção os visitantes, perscrutando, nos seus gestos e palavras, o que pretendem de tão longínqua paragem. Não respondem ao "olá", mas

mantêm nos olhos as inúmeras perguntas que não fazem. A professora, essa deixa-se tomar de imediato pelo mesmo entusiasmo que lhe causou, segundo conta, o primeiro contacto com o quadro. "Senti um completo fascínio, e ainda não explorei todas as potencialidades do quadro, que é a tecnologia do século XXII", avança Ilda Coelho. Garante que, "assim que se experimenta, não se quer outra coisa", e diz mesmo que, se tiver de mudar para uma escola que não esteja dotada daquele equipamento, compra um às suas custas.

Elogiando o "trabalho corporativo" e a "troca de experiências" entre docentes, Ilda assevera que o quadro "ajudou imenso à aprendizagem", porque "permite preparar as aulas de forma diferente, e muito mais interessante". A mesma coisa refere Ana Maria Amaral, professora da Escola Secundária Felismina Alcântara, no centro de Mangualde, para quem o novo equipamento só traz vantagens: vencida a natural resistência inicial, diz que o uso do quadro interactivo permitiu facilitar a preparação

"Ainda não explorei todas as potencialidades do quadro"

das aulas — "Trago a aula toda numa pen" — e mais interessante a transmissão da matéria. Professora há 14 anos, nota que neste, desde que lida com os quadros, "a

participação e o interesse são muito maiores", embora seja "prematura" analisar o impacto nos resultados: "Os alunos são todos diferentes", vinca.

No final de uma aula de Língua Portuguesa do 11ºA dedicada à análise da obra de Almeida Garrett «Frei Luís de Sousa», um aluno disse ao JANEIRO que estudar as obras literárias "poderia ser monótono", mas com este método "até é interessante". Para Jorge Lopes é notório que os alunos "ficam mais atentos e concentrados" e "assimilam melhor a matéria".



Alunos e professores convergem no entusiasmo...

SÓ VANTAGENS

Tudo num aparelho

No final da aula de Língua Portuguesa do 11ºA, a docente Ana Maria Amaral, que é também presidente da assembleia da Escola Secundária Felismina Alcântara, disse que "contra a ideia de que o Português é uma disciplina chata, porque se lê muitas obras, agora posso passar música ou um DVD, sem precisar requisitar outra sala ou qualquer tipo de equipamento adicional, como o retroprojector ou o vídeo"... A professora regozija-se com o facto de poder preparar uma aula e levá-la "na pen", e com a possibilidade de "passar trechos de um filme ou um powerpoint", frisando que "ainda há muitas valências que não explorámos", e conclui asseverando que "a interacção com a turma sai valorizada", querendo "acreditar que isso vai acabar por se consubstanciar nos resultados". Para a docente "estimular os alunos deve ser o interesse de qualquer professor".



Quadros interactivos também são úteis nos primeiros níveis de ensino

“É uma espécie de revolução”

Que tipo de equipamento poderia cativar mais o interesse da “geração internet” do que um recurso multimédia em que o texto ganha som, cor e movimento? Tidos já como “mágicos”, os quadros interactivos seduzem alunos e docentes, e parecem fadados ao sucesso.

CARLA TEIXEIRA

São comercializados em Portugal pela Areal Editores e pela Porto Editora, com a designação de Magicboards. Por isso, ou talvez não apenas por esse motivo, estão a provocar ondas de entusiasmo nas escolas onde têm vindo a ser instalados, num fenómeno que Hélder Ribeiro, representante da Areal Editores na visita ao Centro de Formação de Penafiel e Azurara e às escolas da região, definiu como “uma espécie de revolução tecnológica”. De acordo com aquele responsável, os quadros interactivos vieram “criar uma nova dimensão nas salas de aula”, com os alunos e os professores a poderem “fazer

num quadro tudo o que fazem num computador”. Lembrando que “os quadros interactivos existem em Portugal desde 1990”, Hélder Ribeiro previu que, em pouco tempo, venham a ter presença muito mais assídua na comunidade escolar portuguesa.

Na sessão de apresentação do projecto «Inov@r com QI», liderada pelo director do CFPA, e na qual José Miguel Rodrigues Sousa enalteceu as diversas vantagens do equipamento, Hélder Ribeiro estimou que actualmente

haja mais de meio milhão de quadros interactivos a funcionar em território nacional, frisando que “a evolução dos números é diária” e que, entre as

“Os quadros interactivos vieram reinventar a escola”...

inúmeras potencialidades daqueles dispositivos figura, por exemplo, a de poder realizar uma espécie de videoconferência, ligando dois quadros, localiza-

dos em qualquer ponto do mundo, e transmitindo informação entre eles. O representante da Areal Editores salientou o carácter “empresarial e educacional” da parceria entre a empresa e o centro de formação, e explicou que a contrapartida é “termos utilizadores dos nossos produtos e sabermos os resultados práticos dessa utilização”.

Hélder Ribeiro adiantou igualmente que “o quadro traz o software necessário à sua utilização”, e que “todos os upgrades

estão incluídos no preço”, que oscila entre os 1.200 e os 1.500 euros por unidade, consoante o modelo e as dimensões”, fazendo questão de sublinhar que os quadros interactivos permitem leccionar conteúdos de várias disciplinas em ambiente multimédia. São “ferramentas para o futuro” que, na sua opinião, têm grande valia na aplicação nas escolas e “não são mais caras do que um computador”. São equipamentos concebidos com o objectivo de responder às necessidades da uma geração que já nasceu imersa num ambiente multimédia, com o uso generalizado de jogos electrónicos e com a crescente adesão à internet no domicílio, e que já são utilizados, com grande sucesso, em países como o Reino Unido.

Como disse o director do CFPA, anuindo à afirmação de Hélder Ribeiro, os quadros interactivos vieram “reinventar a escola”, imprimindo “imagem, som e movimento” a um cenário que, nomeadamente em determinadas disciplinas, se afigurava sempre como cinzento e pouco motivador. Levando as escolas para fora do espaço físico que ocupam, projectando-as nos contactos entre professores para uma exploração mais conseguida do conceito de partilha de informações, a nova tecnologia assume o desiderato de ampliar a “democracia digital” a todos os seus utilizadores. Hélder Ribeiro frisou ainda que o entusiasmo dos que aderem é inequívoco.

ESCLARECIMENTOS PRESENCIALMENTE OU À DISTÂNCIA

Acompanhamento permanente no site

A fim de esclarecer as “experiências educativas e os recursos sem paralelo” que os quadros interactivos proporcionam aos seus utilizadores, e explicar em concreto os objectivos do projecto «Inov@r com QI», foi criado um portal.

Alojada no endereço electrónico www.inovar.pt, a página é coordenada por Jorge Cabral, que acumula as funções de construção e manutenção do site, apoio

“Ferramenta de elevada qualidade educacional”...

técnico e informático aos utilizadores dos quadros e formação. De acordo com informações avançadas por aquele responsável ao JANEIRO, o conteúdo do portal

dirige-se aos professores afectos ao projecto, mas também aos docentes que, não fazendo parte do «Inov@r com QI», exercem funções em escolas dotadas de quadros interactivos multimédia e têm algum interesse em saber mais sobre aquele tipo de equipamentos. Tendo em conta que “a sociedade do século XXI não pode dispensar o saber e/ou a aplicação das novas tecnologias”, o portal visa aclarar conceitos relativamente aos quadros interactivos, “ferramenta de elevada qualidade educacional”. Mediante uma inscrição no portal, todos os professores que leccionem em escolas que tenham quadros interactivos Magicboard podem aceder às funcionalidades do site, que incluem um fórum, a possibilidade de realização de downloads, o acesso a determinados documentos e o contacto com

o responsável pela vertente formativa e de apoio da página. Jorge Cabral está disponível para atender presencialmente, às terças-feiras, no horário compreendido entre as 15 e as 19 horas, no CFPA, os professores

interessados em obter mais informações relativas ao projecto «Inov@r com QI» e ao funcionamento dos quadros interactivos. O coordenador do portal pode ainda ser contactado por telefone (232100549), via

Messenger (com o e-mail de contacto inovar@cfpa.pt), ou através do programa de conversação Skype (com o utilizador inovarcomqi).

CARLA TEIXEIRA

Filipe Pires



Quadros interactivos imprimem cor e movimento às salas de aula

Filipe Pires



Portal do «Inov@r com QI» destina-se a apoiar utilizadores